O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India....	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1097

20 de Junho de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ás baterias de Artilharia de Queluz

CHEGADA DE S. M. EL-REI D. MANUEL

CHRONICA OCCIDENTAL

Todo o afan da imprensa periodica de Lisboa parece concentrar-se agora, e mais uma vez, na questão da mendecidade que tomou, nos ultimos tempos, um aspeto por assim dizer grave. Sobretudo a vagabundagem infantil tem crescido por um modo assustador.

Não ha rua nem praça de Lisboa onde se não vejam a esmolar de dia e de noite homens e mulheres, velhos e creanças, uns doentes e decrepitos, outros fingindo-se doentes, ainda outros aparentemente sãos e robustos, mas alegando não terem onde nem como ganhar pelo trabalho; e todos n'uma lamuria, n'uma choradeira, n'um côro de plangencia que é da gente fugir e muitas vezes, mau grado seu pensar, como o Barão da Falperra, que dizia ao creado quando algum pobre se lhe punha na escada a queixar-se da sua desdita e a pedir-lhe alguma coisa pelo amor de Deus:

— «Francisco, põe-me lá fóra esse desgraçado. Parte-se-me o coração de o ouvir!»

Lisboa, como todas as grandes capitaes, é a cidade mais rica e mais pobre de Portugal. Ao lado da população abastada e remediada, que vive sem preocupações materiaes de pão, casa, lume e vestuario, vegeta, em pateos infectos, sobrelojas imundas, mansardas esconsas, na mais crua miseria, uma outra população de muitos milhares de creaturas, cujas necessidades, cujas dôres, fisicas e moraes, demandam uma vasta e solida organisação da assistencia publica e da beneficencia particular. A essa multidão de infelizes, a quem a vida reservou todos os seus aspetos torturantes, ha que juntar a miseria regulamentada e que ostensivamente estende a mão á caridade publica, as creanças abandonadas ou exploradas, a pobreza envergonhada, os reclusos do Limoeiro e do Aljube, os sem-trabalho, e todas as fórmas do desconforto, do abandono e da tristeza.

Poucas pessoas fazem uma idéa, sequer aproximada, da extensão e frequencia d'essas desventuras. Certamente que ninguem, que nenhum de nós é inteiramente estranho aos sofrimentos que nos rodeiam. Cada casa de familia, cada individuo tem «os seus pobres», isto é, um grupo de desgraçados a quem periodicamente socorre. Muitos são tambem os que mensalmente concorrem para o custeio de instituições de previdencia, beneficencia e caridade. Escapa-nos, porém a noção do conjunto, a impressão panoramica da mizeria, e não admira que assim seja, dado o caracter precipitado, violento, veloz, da moderna luta pela vida. Trabalhando a correr, cumprimentando a correr, tomando o eletrico a correr, dando esmola a correr, não nos chega o tempo para o vasto inquerito que o conhecimento perfeito de uma classe social demanda.

Em toda a parte o Estado e a beneficencia particular ocorrem a esse inquerito e aos correspondentes deveres de solidariedade social. Entre nós, o Estado alguma coisa faz, mas bem pouco para o que podia fazer, e pouquissimo comparado com as iniciativas de caracter particular. Demais provado está que a caridade oficial, fria, sêca, burocratica, está longe de egualar o beneficio acompanhado da palavra amoravel e do gesto meigo que lhe servem de viatico. A caridade que conforta, a caridade que sabe bem, não está só na esmola, está na maneira de dar. Ora, em regra, o Estado não sabe dar. A esmola precisa do adicional da lagrima, e o Estado não sabe chorar.

Todas as classes sociaes teem colaborado no movimento de solidariedade social que ha tempos se acentua na vida lisboeta. Lisboa, ao contrario do que parecerá ao observador superficial prevenido, é uma cidade essencialmente bondosa que meia duzia de azedos procuram, em vão, tornar antipathica. E' uma cidade tolerante, compassiva, dadivosa, justa. Lisboa só tem um defeito: o medo do ridiculo; mas esse defeito é comum a todos os povos latinos de civilisação adeantada. Se não fôra esse pavor do ridiculo que no lisboeta é uma verdadeira psichose, Lisboa faria milagres. Menos civilisado, o habitante de Lisboa seria talvez mais forte e, conseguintemente, capaz de maiores iniciativas. Assim, vae na onda, mas custa-lhe imenso a procede-la.

Esse medo do ridiculo faz que muitas classes que poderiam prestar relevantes serviços ao bem estar material e ao progresso moral das classes desprotegidas levem uma vida retrahida, isolada da grande massa da população. Assim, a chamada alta sociedade de Lisboa, constituida por esse grupo de familias que por ascendencia, educação, tradições, em toda a parte representa, além de elemento decorativo e documento incontestavel de uma civilisação brilhante, uma força social, em Lisboa não tem com o povo contato intimo que deveria ter. Porque? Por medo do ridiculo, porque receia que ás suas boas obras deem uma interpretação falsa ou malevola. Faz mal. Cada qual pratica a caridade como sabe e póde, em harmonia com as suas crenças e a sua educação, e se um ou outro espirito intolerante lhe maldiz e envenena as boas obras, ha, pelo menos, uma

S. M. EL-REI D. MANUEL PASSANDO REVISTA
(Clichés Benoliel)

classe que as não discute: é a dos beneficiados; é a dos que choravam e agora riem.

Parece, porém, que a exemplo da alta sociedade da França e da Inglaterra, a alta sociedade de Lisboa vae iniciar um apostolado ativo e constante em prol da desgraça. E assim deve ser. As classes, como as sociedades, não morrem: transformam-se, adaptam-se ás novas necessidades da civilisação. Os grandes nomes do nobiliario português exerceram nas armas, nas ciencias e nas letras do passado uma função brilhante. Porque não hão de exercel-a ainda hoje? E' mais que um direito, é um dever; é mais que um dever, é uma necessidade.

O povo francês, o povo inglês não seriam o que são se a cada momento não repousassem, enlevados, os olhos na formosissima bondade das suas classes superiores. D'ellas deve descer a virtude, como das montanhas descem as torrentes a fertilisar os valles. Bem sabemos que os tempos são outros, mas nem por isso a função da grande dama rica e ociosa é menos nobre. Não ha que pensar feridas de cavaleiros, escudeiros e pagens, de volta da India, da Africa, da America, da Palestina; mas não faltam lares sem pão, sem sol e sem fogo; creaturas que morrem sem a assistencia cientifica de um medico e sem a assistencia moral de um coração; presos cuja consciencia é mais negra que a negra noite e a quem, desde a infancia, só ensinaram blasfemias; creancinhas cujo primeiro vagido foi um grito de sofrimento. E a therapeutica está ás vezes n'um olhar, n'um sorriso, n'uma linda coisa dita por uma linda boca.

Sabe-se como o assunto complexo da educação das creanças pobres preocupa, modernamente, todos os legisladores e sociologos. Fazer de creaturas condemnadas á escravidão, á humilhação, ao roubo, á cadeia, ao degredo, ao sequestro, homens fortes e conscientes é sem duvida uma das mais limpidas, enternecidas e generosas obras do progresso contemporaneo. Não existe maior orgulho para o sêr pensante da atualidade do que o que deriva d'uma bella acção.

Redimir um desgraçado e entregal-o liberto de delictos ou dôres pungentes á existencia fecunda, venturosa e magnifica, é ser heroe, assim como salvar da morte um homem a pouca distancia da sua perda, é praticar o heroismo. E a infancia é o futuro, a alacridade, a torrente prodigiosa de força que acionará o maquinismo complicado da vida terrestre, a marcha ascendente para outras edades, para outras religiões para outros sistemas sociaes, para outras aspirações: é o trabalho, a producção, a fecundidade da vida da especie, o desenvolvimento progressivo incessante: é a ciencia, a arte, a bondade, e, afinal, a perfeição.

Educal-a e dirigil-a no momento em que ella floresce de graças, de doçura, de formosura e a sua inteligencia começa a luzir com o brilho misterioso de uma estrella, é preparal-a melhor para a sua missão augusta nos dias que hão de vir.

Todo o homem, por mais humilde que seja, é — no dizer de um pensador — uma energia que convem aproveitar, uma vontade, uma resistencia, uma razão, um braço para o combate. Nem todos, porém, se aproveitam — e quantos d'elles, verdadeiras flôres humanas — se perdem, se tornam inuteis ou concorrem para atrazar a eflorescencia de uma civilisação.

Em Portugal, sem a iniciativa particular que possue uma intuição admiravel de todas as cousas grandes, os que tivessem o infortunio de se verem subitamente sós no mundo — sem familia, sem abrigo e sem dedicações — ou morriam encostados ás paredes no meio da indiferença dos outros ou iriam, desde que fossem responsaveis, engordar com os seus cadaveres o torrão duro do degredo.

Ainda um d'estes dias os poderes publicos, pela palavra do sr. governador civil de Lisboa, declaravam que, por absoluta falta de recursos eram impotentes para resolver a questão momentosa da mendicidade da capital. E' certo que tanto bastou para que logo aparecesse um grupo de pessoas benemeritas declarando por seu turno que iam meter hombros á obra. Bello gesto! como agora está em moda dizer; mas a que distancia vai ficar ainda da solução cabal esta simples iniciativa por muito vasta e proficua que se torne...

João Prudencio.

Idolatria

Oh! santa a quem eu réso a toda a hora
Um rosario d'amor e devoção!
Que não queiras amar-me — muito embora! —
Mas não rias da minha adoração.

Eu não te peço amor, bem vês, pois fôra
Pedir de mais, talvez, pedir em vão;
Adoro-te como idolo que se adora
E a quem se não exige coração.

Deixa sonhar-te a estrella fugidia
Que a mão debalde arranca dos espaços,
Deixa-me ser creança mais um dia.

Porque temo ver feito em mil pedaços
O meu ideal d'amor — que morreria
No marmore côr de rosa dos teus braços.

José Boavida Portugal.

Visita de El-Rei ao quartel de caçadores 5 e batarias de Queluz

O glorioso regimento de caçadores 5, cuja historia vem das Guerras da Pinisula, em que foi sempre dos mais heroicos, até ás campanhas da liberdade, que acompanhou desde a ilha Terceira ás linhas de Lisboa, como o que mais briosamente se portou em todas as acções, aquelle que mereceu a particular estima do Rei Soldado, que preferia a farda de coronel deste regimento para entrar em combate, e nella determinou ser amortalhado. Este bravo regimento, tantas vezes condecorados seus oficias e soldados com a ordem da Torre e Espada por actos de heroismo praticados em campanhas, e concedida á sua bandeira o usar a fita daquella ordem e a legenda: *Em vós possue a patria — De lealdade o mais ilustre exemplo*, sendo-lhe tambem conferido o titulo de *Caçadores de El-Rei*, acha-se aquartelado no Castelo de Lisboa, denominado de S. Jorge, o monumento mais glorioso e respeitavel desta nacionalidade, ao qual estão ligados tantos fastos da sua fundação até quasi nossos dias.

Pois foi no Castelo de Lisboa que no dia 7 se realisou uma festa militar motivada na benção de uma nova bandeira do regimento de caçadores 5, festa a que assistiu El-Rei D. Manuel e o Sr. Infante D. Affonso.

Para este efeito o quartel e praça do Castelo estava em festa, tudo decorado de trofeus militares, bandeiras e flôres, com que foi recebido El-Rei, comandante honorario do regimento, achando-se presentes os srs. ministro da guerra, general da divisão e toda a oficialidade.

Na praça do Castelo estava armado um altar, onde o capelão rezou missa e celebrou a ceremonia da benção da bandeira. Depois destes actos o reverendo Curado fez uma alocução apropriada e em seguida houve a ratificação do juramento.

El-Rei e o Sr. Infante D. Affonso almoçaram no quartel, com a sua comitiva e comandante do regimento sr. coronel Seabra de Lacerda, havendo dois brindes ao *toast*, um de Sua Magestade e outro do sr. comandante.

Terminado o almoço, El-Rei passou a visitar o quartel, tendo primeiro inaugurado, no gabinete do comando do regimento, um retrato em fotografia, que oferecera á oficialidade, inaugurando tambem outro retrato que ofereceu aos sargentos.

Na parada formou todo o regimento e á passagem de El-Rei foi entoado um canto militar cuja letra, do sr. capitão Carvalho, foi metida em musica pelo maestro da banda, sr. Braz. Este canto agradou muito e foi bisado a pedido de Sua Magestade, que distinguiu o maestro com o colar de S. Tiago.

Por fim, Sua Magestade e Alteza assistiram aos exercicios, ou provas desportivas, de esgrima, ciclismo, corrida de obstaculos, tração, etc., havendo distribuição de premios aos vencedores.

*

El-Rei visitou, no dia 9 do corrente, as batarias de artilharia de Queluz, acompanhando Sua Magestade, os srs. ministro da guerra e comandante da divisão militar general Gorjão, com seus respetivos chefe de gabinete e ajudante.

No quartel de Queluz foi recebido pelo comandante e toda a oficialidade, passando El-Rei minuciosa revista ás baterias formadas, que se apresentaram na melhor ordem, pelo que Sua Magestade dirigiu palavras de louvor ao digno comandante das batarias e oficiaes.

O monarca foi muito festejado nesta visita, sendo-lhe oferecido por um grupo de creanças um lindo ramo de flôres.

OS TERRAMOTOS DO RIBATEJO

O bando precatorio dos estudantes de Lisboa

Nas povoações do Ribatejo assoladas pelo terramoto de 23 de abril, ainda não cessou completamente de haver tremores de terra, repetindo-se quasi todos os dias com maior ou menor intensidade em varios pontos, o que tem ocasionado mais algumas derrocadas de edificios e não menor panico nas populações.

Infelismente esse estado oscilante não tem permitido que por ora se emprendam construções definitivas, limitando-se apenas a arranjar abrigos mais ou menos provisorios para a população, e nesse sentido se tem trabalhado com diligencia, para o que não faltam braços nem material.

O problema da reedificação das povoações arrasadas, continúa a ser discutido sob o ponto de qual sistema de construções será o mais conveniente para resistir aos movimentos sismicos, visto aquella região estar compreendida na zona sismica, como agora melhor se reconheceu.

Sobre isto já aqui nos pronunciámos em n.º 1:093 de 10 de maio, no artigo *Os terremotos do Ribatejo*, dizendo: «...o sistema das novas edificações, que devem ser quanto possivel leves de paredes e sempre armadas sobre esqueleto de madeira não sangrada, ferro ou aço, tudo bem preso de gazepe, preferindo o cimento armado á alvenaria...»

Esta nossa humilde opinião vimol-a confirmada pelo sr. padre Himalay, numa conferencia que, em 8 do corrente, fez na Academia de Ciencias de Portugal, sobre o assunto.

O ilustre sabio disse:

«Só o edificio que seja formado de materiaes capazes de formar uma só peça solidaria, e nos quaes a resistencia parcial e total seja consideravel tanto ao trabalho de compressão como ao de tração, flexão em todos os sentidos é que póde resistir á impulsão sismica.

«Os materiaes conhecidos capazes de realisar este *desiderantum*, são a madeira forte e elastica, o ferro e o cimento armado.»

Entretanto o sr. padre Himalaya acha estas casas perigosas para o caso de incendio, no que até certo ponto tem razão, e por isso pronunciase pelas construções em beton armado ou ferrocimento, atendendo á economia, pois as construções de madeira com ferro ou aço, mais dispendiosas e reclamando mais despesas de conservação, seriam ainda as que melhor resistiriam aos abalos sismicos.

Depois da abalisada opinião do sr. padre Himalaya, sentimo-nos mais fortes em nosso entendimento, e pensamos quanto dinheiro se esperdiça em casas de grossas paredes e pesado material que por fim só servem para a construção sair cara, quando tanto se precisa de habitações baratas e seguras, higienicas e de certa elegancia, que resolvam o grande problema da carestia das casas, que se torna um verdadeiro flagelo para a maior parte das populações, especialmente em Lisboa.

*

Com o salutar intento de construir uma escola em Benavente, tomaram os estudantes da Escola Politecnica a iniciativa de angariar meios para esse fim, sendo secundados por toda a academia que entusiasticamente se associou a tão béla idéa.

Além de outros meios de receita que os estudantes da Politecnica tem promovido, proposeramse realisar um bando precatorio em Lisboa, bando que levaram a efeito no dia 4 do corrente com o concurso dos estudantes dos liceus da capital, Colegio Nacional, Instituto Industrial, alumnos da Casa Pia, Escola Central de Ensino Livre, Colegio de Campolide com a sua banda, e todos com as suas bandeiras, formando um estenso cortejo que percorreu uma parte da cidade compreendida entre a Escola Politecnica, donde o bando saiu, Principe Real, S. Pedro de Alcantara e S. Roque, ruas Garrett, do Carmo e do Ouro, Pelourinho, Praça do Comercio, rua Augusta, Rocio,

Avenida da Liberdade, Rato, S. Bento, Praça das Flôres e rua de S. Marçal até dar entrada na Escola.

No bando ia uma carreta de bombeiros enfeitada de palmas e flôres com as bandeiras do Liceu do Carmo e do Instituto Industrial, e ostentando uma figura de Minerva.

Não foi infrutifero o apelo dos estudantes ao povo da capital, e antes de um magnifico resultado, pois elevou-se acima de oitocentos mil réis, além de outros donativos, o produto do peditorio, isto depois da cidade ter já contribuido largamente por varias fórmas para os pobres do Ribatejo, e os bombeiros terem tambem feito dois ban los precatorios que produsiram mais de tres contos de réis.

Vê-se assim quanto foi simpatica ao publico a idéa dos estudantes e quanto é inesgotavel o espirito de caridade do nosso bom povo.

Depois de tantas dedicações e até da abnegação de muitos, bom é que a boa aplicação de todos esses sacrificios venha coroar esta obra meritoria, sem que a politica se intormeta a desvirtuar as boas intenções dos que tem concorrido com os seus obolos.

Isso seria um cataclismo, acaso, mais funesto que os terramotos que assolaram as pobres povoações, pois infelizente todos sabem a quantas venalidades e injustiças arrasta a politica.

Major Annibal Machado

Novo governador do distrito de Moçambique

Foi-nos agradavel surpresa a noticia que nos chegou da nomeação do sr. major Annibal Machado para governador do distrito de Moçambique, em substituição do sr. capitão Massano de Amorim, que vem ao reino fazer tirocinio para o posto de major.

A noticia foi-nos particularmente agradavel, por conhecermos muito de perto o novo governador, que é um dos nossos africanistas mais valiosos e prestantes, com longa folha de serviços nas colonias, onde, quasi, tem passado sua vida.

O sr. major Annibal Augusto da Silveira Machado, nasceu em Lisboa e é filho do falecido capitão Annibal Machado, que foi lente da Escola do Exercito onde deixou boa memoria de sua passagem por aquelle estabelecimento de ensino.

Educado no Real Collegio Militar, ali concluiu os seus primeiros estudos em 1883, matriculando-se em seguida na Escola Politecnica.

Ainda nos bancos da escola já se entusiasmava pelas coisas de Africa, que então principiava a despertar mais interesse e não poucas discussões, provocadas pela conferencia de Berlim, em 1885.

Sob estas impressões o joven estudante, contando apenas 17 annos de idade, propoz-se ir para Africa, alcançando o ser despachado em alferes para o Ultramar, por decreto de 21 de janeiro de 1886.

Desde então começou a prestar os seus serviços nas colonias do sul e do norte d'Africa, no Congo, Angola, Moçambique, Guiné, S. Thomé, Lourenço Marques e Beira, ora na fileira, ora em comissões de serviços administrativos, desempenhando-se sempre com superior distinção, zelo e inteligencia, pelo que mereceu o ser agraciado com o grau de cavaleiro da Torre e Espada e medalha de prata da classe de bons serviços e comportamento exemplar.

Estas distinções foram-lhe concedidas muito principalmente pelos serviços prestados na Campanha da Guiné, de 1894.

Desde 1896 até 1907 esteve ao serviço da Companhia de Moçambique, na Beira, onde exerceu importantes comissões, no desempenho das quaes mereceu a estima de todos os funccionarios superiores e inferiores, deixando o cargo que ali tinha para vir ao reino fazer o seu tirocinio de camando para o posto de major e que ha pouco concluiu.

Regressando de novo á Africa Oriental, foi-lhe confiado o governo do distrito de Moçambique, como acima referimos, e poucas vezes a escolha terá recahido em um oficial tão habilitado e com tanta competencia, como o sr. Annibal Machado.

Conhecido em toda a Africa e mais especialmente na Oriental, por sua maior permanencia naquella região, ali tem geraes simpatias, que muito o ajudarão a fazer um bom governo, tanto melhor quanto o novo governador conhece todos os serviços e complicada engrenagem da administração colonial, e a sua atividade e inteligencia exercitada numa longa pratica, lhes permite desempenhar-se cabalmente da alta comissão para que foi agora nomeado.

Por tudo damos os parabens ao major, sr. Annibal Machado e á provincia de Moçambique.

C. A.

Taça Lisboa

Realisou-se no domingo 6 do corrente esta importante regata, sem duvida a mais interessante que durante o anno se realisa em Portugal; para ella escolhem os Clubs nauticos os seus mais habeis e resistentes remadores, que durante algumas semanas antes da corrida treinam com o maior methodo e regularidade.

Cumpriu á Real Associação Naval, como detentora da taça no ultimo anno, a organisação d'esta festa, a qual é digna dos maiores louvores pela competencia com que organisou estas corridas de que passamos a dar seus resultados.

MAJOR ANNIBAL MACHADO

NOVO GOVERNADOR DO DISTRITO DE MONÇAMBIQUE

Na primeira corrida, em que se disputava a Taça *Lisboa*, tomaram parte os *outriggers D. Manuel II*, do Real Club Naval, e *Tejo*, da Real Associação Naval.

A lucta, que foi deveras renhida, terminou pela victoria do R. C. N. cuja embarcação era tripulada pelos srs. Albano dos Santos, Jorge Aldim, Carlos Kessler, A. Motta Marques e Vasco d'Almeida (timoneiro), seguida apenas a distancia d'um comprimento pela R. A. N. Vencedores e vencidos receberam á chegada justos applausos.

Em seguida realisou-se a corrida inter-escolar que pela primeira vez se effectuou entre nós, tomando parte uma tripulação de alumnos do Lyceu da Lapa e outra do Lyceu Passos Manuel (Carmo).

Chegou em primeiro logar a *equipe* do Lyceu da Lapa composta dos srs. E. Paiva Simões, José Pedro Folque, Boaventura Bello, A. Andrade Pinto e Ricardo Pereira Dias (timoneiro).

Na 3.ª corrida, em que entraram os *outriggers Douro*, pelo Oporto Boat Club; *D. Manuel II*, do Real Club Naval, e *Tejo*, da Real Associação Naval, chegou em primeiro logar a embarcação da R. A. N. tripulada pelos srs. José Serra, José Prego, Augusto Talone, William Sissener e C. Sá Pereira, seguida a pequena distancia pelo R. C. N. em que entrou de novo a tripulação da Taça Lisboa, e pelo O. B. C.

Effectuou-se depois a 4.ª corrida para *Juni rs* com duas *equipes* da Real Associação Naval e Real Club Naval, ganhando a que remava no *outrigger Douro*, composta dos srs. Henrique d'Aragão, Duarte Bello, Ernesto Ryder, Leonel Ryder e José Faria (timoneiro).

Por ultimo realisou-se a 5.ª corrida para *outriggers* de quatro remos, uma das que despertou maior animação por n'ella tomarem parte socios do Gymnasio Club Figueirense que pela primeira vez correu em Lisboa, do Real Club Naval e Real Associação Naval. Coube ainda a victoria á R. A. N. representada pelos srs. W. Sissiner, José Prego, Fernando Costa, José Duarte e Luiz Rembado. Chegou em segundo logar o R. C. N. e a pequenina distancia d'este o G. C. F.

E assim terminou esta festa a que não faltou bôa concorrencia e grande animação. Não deixaremos de frizar que a R. A. N. destinou o producto das entradas nos logares reservados, na muralha da Junqueira, a favor das victimas das catastrophes do Ribatejo, pelo que a direcção d'este Club merece os mais enthusiasticos elogios.

P. T.

CONCURSO TURINO

Promovido pela Real Associação Central de Agricultura

Para animar o desenvolvimento e apuramento da raça bovina, de tanta riquesa para a agricultura e industria de lacticinios, promoveu a Real Associação central de Agricultura, um concurso de raças turinas, o primeiro de uma serie de concursos pecuarios que se propõe levar a efeito por todo o país.

Este concurso realisou-se, no dia 6 do corrente, no Campo Grande, onde se vereficava, no mesmo dia, a feira mensal de gado que ali costuma haver.

Concorreram 17 creadores com 85 animaes e suas crias, sendo admitidos 42 que estavam nas condições do concurso, ao qual podiam concorrer não só os animaes de pura raça turina, mas ainda os della derivados ou cruzados com raças holandêsas, sendo a classificação feita em tres grupos: touros, vacas e crias, com tres premios para cada grupo.

Se este concurso não teve tão grande exito como seria para desejar, foi comtudo bastante animador o resultado, atendendo a ser uma primeira tentativa deste genero.

Entre os exemplares apresentados viam-se alguns magnificos, destacando-se especialmente um grupo de vacas e um touro holandês puro, pertencente ao sr. Eduardo Placido.

O juri, composto de tres medicos veterinarios srs. Ildefonso Borges, Miranda do Valle e Santos Viegas, e pelos professores agronomos, srs. Cincinato da Costa e dr. Manuel Braamcamp Soveral, fez a seguinte classificação para premios:

1.º grupo: melhor touro turino, ou melhorado com sangue holandês, em plena função reprodutora — 1.º premio, 20 libras, ao sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira; 2.º premio, 10 libras, á firma Souto Mayor & Mouzaco Lt.ª; 3.º premio, menção honrosa, ao sr. Antonio Castanheira de Moura.

2.º grudo: melhor vaca turina pura, ou melhorada com sangue holandês, em lactação — 1.º premio, 15 libras, ao sr. Joaquim A. Pombeiro; 2.º premio, 8 libras, ao sr. João Correia Valente; 3.º premio, menção honrosa, á Associação Protetora da Primeira Infancia.

3.º grupo: melhor cria da raça turina pura, ou melhorada com sangue holandês — 1.º premio, 8 libras, á Sociedade Agricola «Batedouro»; 2.º premio, 5 libras, ao sr. Joaquim A. Pombeiro; 3.º premio, menção honrosa, ao sr. Antonio Castanheira de Moura.

Compareceram S. A. o Sr. Infante D Affonso, ministro das obras publicas, sr. conselheiro Barjona de Freitas; diretor geral da agricultura, sr. conselheiro Lecoq, e os srs. conselheiro Oliveira Feijão, Eduardo Placido e Julio Torres, como representantes da Real Associação de Agricultura, além de grande numero de convidados e expositores.

Depois da distribuição dos premios, o sr. Miranda do Valle fez uma conferencia sobre as vantagens do *Herd-Book*, muito usado lá fóra com grandes vantagens para os creadores de gado.

O *Herd-Book* é um livro onde se escreve a genealogia do animal a que pertense, mencionando todas as circumstancias que se dão durante a vida, o que tudo é nelle oficialmente registrado conforme a indicação dos donos, sendo o animal marcado na orelha com o numero do seu livro respetivo.

Por este livro se autentica a raça do animal, sua filiação, caracteristicas, sanidade, etc., observando ao creador os preceitos higienicos que deve

usar no tratamento do animal.

A inscripção dos animaes no *Herd-Book* é facultada pela Real Associação de Agricultura, mediante uma determinada taxa a pagar.

Centenario da Guerra Peninsular

Ninguem como Napoleão foi exaltado, adorado e temido durante a sua extraordinaria existencia, mas ao culto de que uns o cercavam correspondiam odios profundos d'aquelles que soffriam os terriveis golpes do seu poder guerreiro, ou que a sua ambição desmedida opprimia ou contrariava.

Por todos os paizes appareceram durante o primeiro imperio, satyras, verrinas, pamphletos, espirituosos uns, infames outros, com que se pretendia ferir ou deslustrar o terrivel imperador.

Procurando entre os escriptos portuguezes d'esse tempo, algumas cousas curiosas pódem desenterrar-se, como o interessante dialogo phantasiado por auctor ignoto e publicado em 1808, na typographia Lacerdina, com as competentes licenças, em que figuram o Diabo e Bonaparte.

Ribeiro Arthur.

PERFIDIA OU POLITICA INFERNAL

DIALOGO ENTRE LUCIFER E BONAPARTE

Luc. *Well come, sir, well come.*

Bon. Que é isto. Principe das Trevas? Apenas piso a entrada da tua lugubre morada, logo me insultas, dando-me as boas vindas em uma linguagem que aborreço? E' este o premio com que pretendes corresponder aos meus relevantes serviços?

Luc. Qual linguagem, nem quaes serviços: pelo que respeita a linguagem ella vae a ser universal entre as nações que se presam de bom gosto; e no que toca aos serviços, eu mandei-te chamar por esses seiscentos diabos, que estão presentes e me não deixarão mentir, por não poder já aturar tantos despropositos, ou para melhor dizer, insolencias tantas, que até me principiavam a horrorisar.

Bon. Despropositos? Quê! Não estava eu senhor de toda a Italia? Não dominava eu quasi toda a Allemanha? Não estive a ponto de me apossar da Hespanha toda, aonde tinha de commandar debaixo do nome de meu caro irmão? As minhas tropas, recebidas nos braços dos portuguezes, não calcaram ellas aos pés por tanto tempo esta valorosa, mas crédula, e desgraçada nação? Afinal, a Europa toda, toda a Asia, a Africa e America, pensas tu que haviam de escapar ao jugo de um homem manhoso, que extrahindo o dinheiro e riquezas dos povos todos, sabia armar uns contra os outros, e brigar separadamente com estes, para depois atacar aquelles? Não tratava eu de estabelecer o imperio universal sómente com o fim de extinguir a moral e a religião, para depois offerecer tudo a teus pés, posto que ensanguentado e moribundo?

Luc. Mais de manso, meu Bonaparte, é necessario que tu reflictas na pessoa com quem fallas. O imperio a que lançavas os fundamentos, era para ti e para teus caros, posto que estupidos, irmãos. Quando tu im-

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao quartel de Caçadores 5

Ceremonia da benção da bandeira do regimento de Caçadores 5

Os terramotos do Ribatejo

Bando precatorio dos estudantes de Lisboa saindo da Escola Politecnica — O bando precatorio na rua de S. Roque

(Clichés Benoliel)

Taça «Lisboa» — A regata de remos

provisavas sobre tão chimefaricas façanhas, nem mesmo de teus infelizes vassallos te lembravas. Oh! *(áparte)* fóra d'aqui canalha infernal, que tenho de conversar em particular com este homem... Agora, Napoleão, que estamos sós, vamos por partes: Diz-me uma cousa; sendo tu tão amigo de sangue, não te lembraste de assassinar o imperador d'Austria quando estiveste só com elle na barraca de Austerlitz?

Bon. Isso era uma acção muito indecorosa.

Luc. Pois tu ainda respeitas o decoro das acções?

Bon. E que satisfação havia eu de dar ao mundo? Além de que os russos, e

A «Invicta» canôa-automovel do sr. Carlos Bleck

O «outrigger D. Manuel II» vencedor da taça «Lisboa» — O «outrigger Tejo» vencedor da 3.ª corrida

prussianos ainda estavam com as armas na mão.

Luc. Podias dizer que elle imperador, subornado pelo singlezes, tinha projectado assassinar o teu exercito; assim como disseste em outro tempo, fallando d'El-Rei de Sardenha.

Bon. Não me lembrou isso.

Luc. E porque não envenenaste o imperador da Russia nos banquetes de Tilsit?

Bon. Isso lembrou; mas que desculpa podia ter uma perfidia semelhante?

Luc. Inglezes no caso: Não te tinha dito que attribuisses tudo aos inglezes?

Bon. Porém, lá não estavam inglezes.

Luc. Tambem os inglezes não estavam em Madrid, e tu disseste, que a revolução tinha sido lembrada e suggerida por elles.

Bon. Tambem me não occorreu essa escapatoria, confesso o meu erro Senhor Diabo.

Luc. Adiante. E o Pontifice Romano, porque o não mataste quando elle foi a Pariz, para depois te declarares Papa?

Bon. Mas ninguem me havia de reconhecer por tal.

Luc. Tambem não houve até agora quem te reconhecesse por Arbitro da Europa, e comtudo tu não perdes a occasião da baforada, arrogando-te um titulo que se não creou para ti.

Bon. E eu podia ser Papa, sendo leigo e casado?

Luc. Não; mas tambem tu sendo impotente te deixaste intitular *Todo Poderoso*, e nem por isso te escarraram na cara, como merecias; porque esse attributo compete unicamente ao Creador do Ceu e da Terra.

Bon. E que me dizes á politica Machiavelica com que prometti Hannover a El-Rei da Prussia, para me ficar desembaraçada a victoria de Austerlitz, e com que depois em logar de cumprir o que promettera, o ataquei, e lhe roubei a metade do reino?

Luc. Ainda podias fazer mais: como tu estás na posse de cumprir assim as tuas promessas, podias offerecer-lhe a conquista dos antipodas, o paiz das amazonas na America e os Paizes baixos na Europa; podias á sombra d'estas offertas, servir-te das suas forças, e assassinal o emfim e ao seu exercito.

Bon. E elle cahiria n'essa?

Concurso Turino

Touro turino puro, do sr. Antonio Francisco Ribeiro Ferreira, 1.º premio — O juri classificando os exemplares expostos

(Clichés Benoliel)

Luc. Olá se cahia: Quem podendo unir-se á Russia e Austria para pelejar de accordo contra o inimigo commum, deixou perder tantas vantagens e suas consequencias, para depois pelejar só e perder tudo, não ha nada em que não caia.

Bon. Ora deixemos bagatellas, tratemos agora de cousas um pouco maiores. Que me dizes ao emprestimo dos dois milhões de cruzados, pedidos aos portuguezes por principio de protecção logo á entrada do meu exercito, que por esquecimento tinha marchado sem dinheiro? Que te parece a politica, a fina politica do meu Junot, que até extorquiu esta quantia, sem encarregar nem a minha nem a sua consciencia, ainda que a divida nunca seja paga, como tinhamos accordado entre ambos?

Luc. Sem encarregar a consciencia?

Bon. Sim: Porque Junot, usando da costumada candura do seu genio, logo declarou que o emprestimo era forçado. Os portuguezes mesmo logo assentaram de não falar mais n'isso para que se lhe não pedisse alguma demasia: Chiton (disseram uns aos outros) façamos da necessidade virtude, não afugentemos a protecção do grande imperador e de Junot. Se os emprestimos amigaveis e voluntarios se convertem muitas vezes em calotes, de um emprestimo forçado que podemos nós esperar?

Com effeito, os portuguezes não entregaram o seu dinheiro a nenhum prodigo, ou ocioso, porque Junot dobrou logo a orelha á sota para fazer paroly, e continuou o jogo até levar a banca á gloria.

Que me dizes á protecção dos quarenta milhões, que Junot, por um effeito de amizade e mizericordia dividiu em tres pagamentos? Ah! Que se os portuguezes soubessem em quanto importou o primeiro terço, elles não deixariam de admirar as especulações d'este habil traficante.

Luc. Ora dize-me, e em quanto importou, aqui para nós, a galanteria d'esse primeiro terço?

Bon. Olha, Principe do Inferno, como as pratas foram entregue a Junot, sem conta, peso nem medida; como algumas das outras partes integrantes da contribuição militar, eram tão susceptiveis de um calculo exacto, como o valor das propriedades que se suppunham captivas, e era necessario resgatar; Junot, que se não adestringira a dar satifasções á nação, escreveu me particularmente sobre o assumpto, e me disse, que não tinha feito a conta pelo miudo, mas que grosso modo podia já contar com os quarenta milhões debaixo do ferrolho, sem falar nas crescenças que elle reservava para supplemento de qualquer desfalque, quebra, ou engano que podesse haver.

Luc. E aonde pára esse dinheiro? Já veiu?

Bon. Não, amigo.

Luc. Não veiu, nem virá, porque nem tu, nem Junot, deram a esta extorsão o calor necessario: e entretanto os portuguezes que não sabiam por qual delicto tinham perdido o dominio das suas propriedades, e se achavam dentro do anno, e dia, proposeram contra Junot e seu exercito, uma acção de força nova na cidade do Porto, aonde com testemunhas fidedignas, e com uma boa prova de instrumentos ministrados pelos inglezes, tiveram de plano sentença a seu favor, e para fixar a Jurisprudencia sobre este ponto vieram pe'a Roliça ao Vimeiro, onde então se achava o Tribunal Supremo das Justiças, e d'ahi em presença do general inglez, se assentou sem discrepancia de votos, que a tal contribuição era antes uma rigorosa bifação, ou surripiação.

Bon. Não importa: elle sempre veiu alguma cousa em ar de contrabando, e não se perdeu de todo o fructo das minhas fadigas. Além d'isto o governo de Portugal foi anniquilado: A fidalguia e uma parte do seu exercito, precisada a viajar contra sua vontade, está detida em França: as bandeiras d'esta grande nação, firmadas com tiros de artilheria Portugueza, tremulam sobre as torres e fortalezas do reino. As minhas aguias estão esvoaçando sobre as portas dos arsenaes e palacios regios, e contas tu por nada estas façanhas?

Luc. Já lá vae tudo isso: tudo desappareceu, *bem como as areias do deserto, ao sopro impetuoso do vento do meio dia.*

Bon. Com effeito os taes portuguezinhos são mais espertos do que se pensava em França, mas emfim, eu fiz as possiveis diligencias para os illudir, e ultimar a projectada empreza. Tu sabes as felicidades que lhe prometti, e sabes que eu podia fazer promessas, mas não realisar felicidades. Prometti-lhe de extinguir os pobres, e principiei pelos ricos, para que soubessem todos que no Tribunal da minha justiça não ha distincção, ou excepção de pessoas.

Luc. Mas d'essa sorte tu augmentavas o numero dos pobres, promettendo extidguil-o.

Bon. A politica, demasiadamente fina, tem seus espinhos e contradicções... Prometti-lhe novos canaes, não d'aquelles que conduzem agua para fertilisar os campos, mas outros de nova invenção por onde todo o oiro d'aquelle reino fosse correndo ou escorregando para o meu imperio e de meus irmãos, porque todos tinhamos muita precisão d'aquelle metal: os portuguezes não acharam bem doiradas estas duas pilulas, porque os meus generaes e soldados presencearam que elles se andavam sorrindo uns para os outros, principalmente depois da chegada dos *meninos perdidos*.

Prometti-lhe novos Camõesinhos, e foi então que elles perderam o seu disfarce e soltaram os diques a um riso imprudente. Velhacos! Elles não ignoravam que a repartição dos talentos não cabia na esphera da minha inculcada omnipotencia: um olho de menos (diziam os atrevidos) desterro, naufragio, pobreza e hospital, n'isto nos póde elle fazer muitos Camões: Talentos, tomara-os elle para si, e para seus irmãos.

Prometti-lhes um rei legitimo; e então não se riram, antes carregando uma viseira capás de assustar os mais intrepidos guerreiros, diziam uns aos outros, mas em segredo: Nós temos um principe legitimo. O ceu foi quem o ornou de tantas virtudes para nos fazer presente d'elle: se elle está contente com os vassallos, os vassallos estão com elle contentissimos, e não o perderão jámais da lembrança, posto que o perdessem de vista. Ah, caro principe! Nós não queremos ver sobre o throno de Portugal um rei que não seja da casa de Bragança: o nosso sangue está prompto para se derramar; estão promptas as nosas vidas para se sacrificarem denodadamente á defeza dos vossos direitos, e dos nossos. Imperador barbaro, e injusto! Leva embora a nossa prata, e o nosso oiro, leva os diamantes, mas não nos prives d'uma dadiva do ceo, da unica esperança, consoladora esperança, que nos resta sobre a terra.

Luc. Com effeito tu não podias fazer aos portuguezes uma injustiça mais clamante. Mas, amigo, a conferencia já tem sido maior do que devêra, e como tu cá ficas para sempre, temos muito tempo para conversar. Que tolices! Que erros de politica! Que incoherencias não avançaste por toda a parte?

Pensavas tu que a Senhora dos Mares com os antigos portos d'Africa e da Asia, todos francos, e de mais a mais com o novo commercio da America Portugueza, não poderia dispensar por algum tempo, ou ainda para sempre, o commercio da Europa, e que poderia a Europa subsistir sem commercio algum, nem seu, nem estranho?

A França, a desgraçada França privada até da mesquinha communicação, ou correspondencia dos seus mesmos portos uns com os outros, poderia subsistir, e não poderia subsistir a Inglaterra com tantas ressursas e franquezas abonadas por um milhão de fiadores?

Ignoras porventura que fechando tu as portas aos inglezes pela parte de dentro, elles as aferrolharão pela parte de fóra, e que em consequencia d'isto quem ficou encurralado foste tu? A rapina das tuas aguias, que finalmente havia de acabar um dia, poderia bastar para a subsistencia da tua numerosa Nação?

Essa marinha com que sonhavas, e com que pretendias abater a marinha de Inglaterra, que é d'ella? Aonde estão os vasos, a gente, os mantimentos? Qual era o ponto da reunião das tuas chimericas esquadras? Por onde haviam de sahir os navios, que mares haviam de sulcar para se unirem? Que esperavas tu?...

Bon. Alto lá, Senhor Diabo: então visto isso não fiz eu nada?

Luc. Não digo tanto: olha, eu fui em outro tempo a estrella da manhã, mas um pensamento de soberba indesculpavel me enfarruscou de maneira, que fui destacado do ceo, e obrigado a trocar aquelle glorioso nome pelo infame epitheto de pae da mentira; depois d'esse estrondoso baque eu quero pela primeira vez falar-te a verdade.

Tu tinhas qualidades que me fizeram conceber de ti grandes esperanças e a que me dava mais no goto era a tua soberba; soberba que quasi emparelhava com a minha: eu tive o desacordo de querer exaltar o meu throno sobre o throno do Altissimo, e tu tiveste a pouca vergonha de consentir que te chamassem omnipotente.

Eu estava vendo quando tu atacavas o morro de Gibraltar, sem receares que os inglezes te esmurrassem as ventas; estava vendo quando a tua cavallaria e infantaria atravessavam o canal a nado, fazia uma descida á Inglaterra ou iam uns e outros, por terra, destruir na Asia as feitorias inglezas: mas como me não fazia conta que tu morresses tão cêdo, fui eu quem te tirou da cabeça tanta chimera...

Bon. Mas a minha politica...

Luc. Qual politica, nem meia politica: tu querias levar tudo á espada, esquecendo-te muitas vezes do adagio — Com arte e engaño se vive medio anno; com engaño e arte se vive la outra parte.

Bon. Oh Hespanha! Oh Portugal! Oh Inglaterra! Eu tenho estas tres potencias atravessadas na guela, e parece-me que tenho n'ella cravadas tres espinhas de baleia. Ah, que se eu tornasse ao mundo...

Luc. Não fazias nada; já estás muito conhecido nas suas quatro partes. Olha, tu querendo destruir as tres potencias de que falas, deste no laço que presentemente as une, um nó tão apertado e cego, que nem eu mesmo me atrevo a desatal-o.

Tu não poderias jamais, nem por alavião, grudar a Inglaterra com as costas da França de maneira que os francezes lhe podessem fazer a guerra a pé enxuto: por mar sabes muito bem que os francezes são como os macacos que em caindo na agua, juntam rabo com cabeça e se deixam ir ao fundo: *Ergo*, de destruição de Inglaterra não fallemos mais.

Bon. Mas a Hespanha...

Luc. Qual Hespanha, nem meia Hespanha: Eu receio que os valorosos hespanhoes, embainhando as espadas levem a pau todo o resto da canalha franceza que, entrando n'aquelle reino rôta e esfrangalhada, se ia levantando pouco depois com o santo e com a esmola; quero dizer, com os de prata, porque com os de pau não teem os francezes devoção.

Os leaes Pyrineos já offereceram as suas cabeças para sustentar o peso da artilheria com que as pretendem coroar, sem distincção alguma de calibres: muralhas de bronze, parapeitos e baluartes, baterias cobertas, fogos cruzados, reductos e tudo que ha de grande e respeitavel na arte da guerra, tudo vae a pôr-se em pratica: Os Pyrineos querem ser instrumento de uma defeza que todo o resto do continente não seja capaz de contrastar.

Bon. E o Portugal?

Luc. Portugal está coberto com um escudo muito superior ao de Minerva: As promessas do campo de Ourique são infalliveis: O seu amavel e respeitavel principe, assim é que está ausente, mas elle deixou ahi um governo assisado, que acaba agora de restabelecer-se e sabe tomar medidas justas para se fazer respeitar dos inimigos e abraçar cordealmente pelos amigos. Vae organisar-se um exercito de heroes que saberão perder as vidas e as fazendas, mas não a honra, nem o patriotismo: o merecimento é o padrinho que os candidatos invocam para occuparem os postos e defenderem a patria: eis aqui o que fizeste com a tua politica.

Bon. Entretanto eu vejo estas infernaes masmorras entulhadas de almas, cujos corpos ainda talvez estejam gotejando sangue: habitantes infelizes deste medonho paiz que póde ser tivessem outro destino se eu não immolasse tudo ao meu furor. E hão de ficar sem premio tantos serviços?

Luc. Não, tu terás um logar bem junto a mim: a desesperação, a raiva, os remorços, eis aqui o premio que terás por toda a eternidade. Deixo-te livre a lingua para as blasphemias, os olhos para as lagrimas de sangue, de que no mundo tinhas tanta sêde, e por agora eu vou encarregar a outro Diabo a destruição da Europa (se isso fôr possivel) já que tu desempenhaste tão mal a minha commissão.

Disse, e batendo as azas como de morcego, furou as sombras e se apartou emfim do heroe que a Corsega vomitou sobre a face da Europa na força do seu furôr. Alviçaras oh raça humana; o monstro horrendo dará o ultimo suspiro; e será ferrolhado de maneira, que não veja mais a luz do dia per omnia sæcula sæculorum. Amen.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1096)

Passei para a frente da pequena columna, afim de seguir melhor o carreiro, tacteando com as mãos e com os pés o caminho a percorrer, dando apenas signal aos companheiros, por pequenos silvos e phrases em voz

baixa, para que elles me seguissem, e foi assim que chegámos á ponte rustica já minha conhecida.

Iria direito ao pequeno bungalow, se ao chegar á clareira do bosque, não houvesse occorrido alguma coisa n'este momento, que me fez parar de repente.

Surprehendente foi então o que vimos e que fez com que Peter Bligh exclamasse:

— Virgem Santa!... Isto são sarafins que cantam, ou sou eu que estou sonhando?

— Cala-te ahi, falador! — lhe disse eu. — Terás por acaso medo de duas raparigas?

— Ou de tres — retorquiu Peter — e sendo numero impar, é enguiço pela certa!... Quando meu pobre pae...

— Deixa-te agora de historias! Cala a bôca e espera um pouco — exclamei interrompendo-o.

Custou-lhe bastante, mas não teve remedio senão obedecer, emquanto nós ficavamos como que petreficados ante a scena phantastica que se nos deparava.

Lá adiante, ora baixando-se ora levantando-se das negras penedias que se elevavam na nossa frente, vimos três raparigas saltando de rocha em rocha, trazendo cada uma um archote acceso na mão, e cujo reflexo batendo em chapa nos penedos, os fazia brilhar como se fossem enormes diamantes.

Tão ageis e esbeltas eram as cachopas, que mais pareciam três corças a saltar nos rochedos, do que raparigas que andassem brincando pelo monte.

Cantavam e riam n'uma alegria louca, falando uma lingua, em cujas phrases se percebia uma ou outra palavra francesa mesclada de outras allemãs, mas a maior parte de tal phraseado seria impossivel dizer a que paiz pertencia.

— Bemdito seja Deus! — exclamou Peter. — Nunca vi nada semelhante a isto!... E a vestimenta que trazem?!...

Puz-lhe a mão na bôca para que se calasse.

— Não te preoccupes com a vestimenta — volvi eu. — O que me assombra realmente, é como essas três pequenas puderam chegar até aqui. E demais a mais sendo gente fina como parecem ser.

As jovens eram realmente encantadoras e o seu traje mais completava a sua belleza.

Sáias curtas, com grandes grinaldas de flôres que lhe caiam sobre a sáia á maneira de festões, e uma especie de casacos de pelle de marta contornando-lhe o airoso corpo. Na cabeça traziam uns bonets tambem de pelle, sob os quaes lhe sahia o cabello em grandes caracoes a contornar-lhe o rosto, fazendo lembrar um grupo de bailarinas da grande opera parisiense. A sua voz bem timbrada repetia-se de rocha em rocha como se estivessem cantando no palacio de Eco, a que o socego da noite dava ainda mais relevo.

Mas que fariam por aquelles sitios?

Só Deus o sabia e não um pobre marinheiro como eu.

— Que dizem ellas, Peter — perguntei eu o mais em segredo possivel. — Percebes alguma coisa do que dizem?

— Sei lá!... Parece uma mistura de francez e allemão, se me não engano, mas o que sei é que nem o diabo será capaz de as perceber.

— Já vejo, amigo, que não és muito forte em linguas. O que ellas falam tambem pode muito bem ser uma mescla de francez e inglez. Ora escuta e vê lá se te convences.

Peter poz se a escutar attentamente a cantiga das raparigas, cujas phrases se foram extinguindo pouco e pouco, até se perderem por completo proximo do jardim de miss Ruth.

Só uma palavra parecia mais musical; era a palavra «Rosamunda... munda... munda...» e não se pode imaginar quão fresca era a voz que a pronunciava e que bem cahia n'aquella socegada noite.

Mas ao mesmo tempo Peter sentia calafrios quando se recordava de que tinha presenceado, como eu, aquella scena do fuzilamento dos marinheiros do *Santa Cruz*.

Parece-me que os meus companheiros julgaram ser tudo aquillo uma visão phantastica, e só recuperaram a fala, quando lhes disse:

— Seres humanos ou espiritos, não são para acobardar homens como nós! E os diabos me levem, se tu só, Peter, não tens força sufficiente para agarrares essas raparigas e mettel-as todas três no bolso das tuas calças!... Quererás tu dizer-me, que nós quatro vamos a ter medo de três raparigas bonitas?... Até me envergonho de o pensar!

Casa Submarina. Cap. V. — ... tres raparigas saltando de rocha em rocha...

Estas palavras pareceram animal-os um pouco, e Peter Bligh apressou-se a desculpar-se.

— Peter, — exclamou Dolly Venne, — são três raparigas soberbas, e o que eu mais desejava agora, era ir ter de cear com ellas! Olha, lá entraram para casa e mais alguem vae com ellas, ainda que não destingo bem se é homem ou mulher quem as acompanha.

— Que me enforquem no lais da verga, se não me parece que é um leão! — disse Seth Barker, pedindo-me desculpa por haver falado assim.

Todos nós parámos então, porque estavamos exactamente sobre a parte do monte que dava sobre a casa de Ruth, e lá em baixo, na pedreira, viamos as três raparigas trazendo ainda os archotes accesos, rindo e conversando animadamente com o homem mais extraordinario que uma mãe tem deitado ao mundo.

Nunca tinha visto em minha vida, um ser humano tão notavel como aquelle.

Homem ou leão, como lhe chamára Seth, não serei eu que o contradiga, pois a enorme cabelleira que usava, mais parecia a farta juba do rei das selvas, do que o cabello corredio d'um ser humano; cabello que lhe cahia até aos hombros e em tal abundancia, que quasi chegava para encher um colchão.

O traje era uma mescla dos dois sexos, isto é, metade femenino e metade masculino.

Um saiote feito de farrapos lhe cobria as pernas, uma jaqueta de marinheiro, tapava-lhe o tronco e um chaile lhe cahia dos hombros como se fôra um manto posto á *la diable*.

As pernas nuas e resequidas como o tronco d'uma arvore, finalisavam por uns pés que enfiavam n'umas botas esburacadas e que diriam perfeitamente nos pés d'um trapeiro.

Mas o mais interessante de tudo era vêr o que faziam as três interessantes raparigas.

Acariciavam-no e falavam-lhe alegremente, e uma d'ellas, até lhe poz na cabeça esgadelhada, uma corôa de rosas, ao mesmo tempo que entoavam aquella canção da Rosamunda... munda... munda, deitando depois todas a correr para a parte N. da ilha e deixando-nos em completa obscuridade.

— Que bello typo para se encontrar de noite n'uma estrada, — exclamou sarcasticamente Peter Bligh.

— E as pequenas a darem-lhe beijos como se elle fosse um Apolo! — voltou Dolly Venn, que sem duvida se estava mordendo de inveja.

Impuz-lhe silencio e sem demora nos dirigimos para casa de Ruth Bellenden.

Todas aquellas coisas extraordinarias que tinha visto e ouvido: os foguetes do recife, os tiros, aquelle homem selvagem, as pequenas descendo pelos rochedos, emfim tudo isto, começava a impressionar-me fortemente, e cada vez me convencia mais, que minha ama necessitava do meu auxilio com urgencia.

(Continúa.)

Ricardo de Souza.

NECROLOGIA

Conselheiro Antonio Maria de Amorim

Temos que registrar hoje, nesta secção de necrologia, o falecimento de mais um funcionario prestante, com longa vida nos serviços publicos, conselheiro Antonio Maria de Amorim, que baixou ao tumulo no dia 10 do corrente.

As notas biograficas que passamos a extratar do *Dicionario Historico Biografico Portugal* são testemunho do prestimo e valor do falecido, que se distinguiu no funcionalismo oficial a que dedicou toda a sua vida.

Antonio Maria de Amorim, nasceu na Lurinhã a 8 de dezembro de 1825, quando seu pae, o dr. José Antonio de Amorim, ali estava medico de partido da camara municipal.

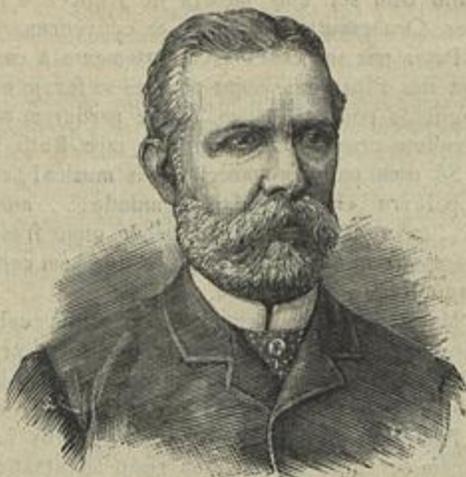
Em 1849 formou-se na faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Nomeado primeiro oficial da secretaría do Conselho Superior de Instrução Publica, serviu com elogio esse logar até á extinção deste conselho, em 1859. Em comissão foi secretario da camara municipal de Coimbra e elogiado pela excelente organisação dos serviços daquella secretaría. Precedendo concurso, foi nomeado, por decreto de 12 de janeiro de 1860, primeiro oficial da Secretaría de Estado dos Negocios do Reino e, pouco

depois, chefe da repartição de instrução primaria, etc.

Por varias vezes desempenhou o cargo de Diretor Geral de Instrução Publica, no impedimento ou vaga dos efétivos, pelo que foi graduado nesta categoria, por decreto de 16 de fevereiro de 1865, sendo elogiado oficialmente em varios diplomas e conferida a carta de conselho em 18 de julho desse mesmo anno.

Em 1869, pela extinção daquellas repartições, ficando só a de Instrução Publica, foi della nomeado chefe. Na Conferencia Escolar, de 1869, serviu o conselheiro Amorim de secretario, merecendo um voto de louvor unanime. De 1870 a 1878 exerceu o logar de secretario da Junta Consultiva de Instrução Publica, pelo que foi elogiado em sessão da mesma junta.

Por decreto de 14 de novembro de 1878 foi nomeado diretor geral da Instrução Publica, e, em 1884, por decreto de 19 de julho, vogal da secção permanente do Conselho de Instrução Publica. No anno seguinte, por decreto de 26 de dezembro, é nomeado secretario geral do ministerio do reino.

Conselheiro Antonio Maria de Amorim

Criado o Ministerio da Instrução Publica e Belas-Artes, passou a secretario geral desse ministerio em 1890. Extinto este, em 1892, ficou adido á nova Direção Geral de Instrução Publica e nomeado vogal do novo Conselho Superior.

O sr. conselheiro Amorim passou cêrca de cincoenta annos no desempenho de altos cargos da instrução publica, o que basta para atestar sua competencia.

De 1878 a 1882 desempenhou as funções de adjunto ao provedor do Asilo da Mendicidade de Lisboa. Teve tambem a seu cargo o colecionar a legislação portuguêsa.

Foi membro das comissões preparatorias dos trabalhos para as exposições de França, Italia e Espanha, e pelos serviços prestados a esses paizes recebeu varias condecorações e a medalha de honra conferida pelo governo francês.

O ilustre extinto era socio do Instituto de Coimbra e de outras sociedades cientificas. Era condecorado com varias ordens estrangeiras, entre ellas a grã-cruz de Isabel a Catolica, Corôa de Italia, oficial da Instrução Publica de França, e comenda de Sant'Iago.